



Pierre Bourdieu e a dominação masculina

Autora: Marcella Uceda Betti

2º semestre / 2011

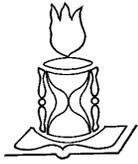
Este trabalho objetiva problematizar a obra *A Dominação Masculina*, do sociólogo francês Pierre Bourdieu, por meio da discussão dos principais argumentos do autor e das análises críticas feitas por comentaristas.

Para discutir o conceito de dominação masculina, Bourdieu recorre a sua pesquisa etnográfica sobre a sociedade Cabila, realizada durante as décadas de 1950 e 1960. Região de cultura berbere da Argélia, Cabília é uma sociedade ordenada segundo o princípio androcêntrico, onde o masculino e o feminino se diferenciam na forma de uma oposição e de uma assimetria: o masculino é visto como hierarquicamente superior ao feminino e é construído *contra* e *em relação* a este.

Segundo o autor, a análise da sociedade Cabila nos forneceria uma “arqueologia” de nosso inconsciente, pois sua tradição androcêntrica – partilhada por culturas mediterrâneas e europeias – sobrevive até hoje em nossas estruturas cognitivas e sociais, de forma parcial e fragmentada. A sociedade Cabila, de certa maneira “exótica” aos olhos contemporâneos, quebraria a falsa familiaridade que temos com nossa própria cultura, nos levando a refletir e a problematizar a preeminência do masculino que, embora contestada e atenuada, ainda permanece nos dias de hoje.

O conceito de dominação masculina só pode ser compreendido diante de outros conceitos importantes da sociologia de Bourdieu, como as noções de *habitus*¹ e violência simbólica. Todos estes conceitos se referem, de certo modo, a uma

¹ O *habitus* é uma noção mediadora que analisa a maneira como as estruturas sociais são incorporadas pelos indivíduos na forma de disposições duráveis acerca de modos de agir, pensar e sentir, na forma de esquemas de percepção e apreciação. Explica como as estruturas sociais se tornam estruturas mentais/cognitivas, como a ordem social se reproduz objetiva e subjetivamente. É importante destacar que isso não significa que o *habitus* seja algo estático ou eterno; muito ao contrário, ele é socialmente forjado, está sempre em construção e é resultado de um exaustivo processo de inculcação e de incorporação, pois exige uma transformação duradoura dos corpos e das mentes dos indivíduos.

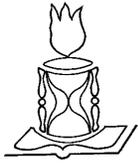


preocupação cara ao autor, que é a questão da reprodução social: de que maneira a ordem social é mantida? É necessária uma coerção direta para garantir a reprodução desta ordem? Seguindo estas perguntas o autor procura pensar sobre a permanência da dominação masculina e sobre seu processo histórico de reprodução.

De acordo com o pensamento de Bourdieu, a ordem social não se trata de uma representação, de uma fantasia ou de uma “ideologia”, ela corresponde a um sistema de estruturas duradouras que são reproduzidas tanto objetivamente como subjetivamente, já que estão inscritas nas coisas, nos corpos, nas mentes, nas atividades e nas posições sociais. Estas estruturas organizam não apenas a realidade social, mas também as percepções e as representações que os indivíduos fazem desta realidade, de si mesmos e dos outros; são incorporadas na forma de *habitus*. A reprodução destas estruturas se dá especialmente por meio de vias simbólicas, não necessitando de uma violência física que se imponha sobre os indivíduos ou de qualquer outro tipo de coerção direta – trata-se de uma coerção simbólica, ou melhor, de uma violência simbólica.

É a partir destas noções que o sociólogo francês pensa a dominação do “masculino” sobre o “feminino”. Ela é resultado de uma violência “suave” e “invisível”, que se exerce principalmente por vias simbólicas, através do reconhecimento dos dominados. Parece estar na “ordem das coisas” e ser normal, não precisando ser enunciada ou justificada, dado que ela coloca as diferenças biológicas entre homens e mulheres como seu fundamento natural e evidente, como se ela fosse uma dominação a-histórica. Mais do que isso, esta dominação é reconhecida e reproduzida tanto pelos homens quanto pelas mulheres, dado que as estruturas históricas da ordem masculina são incorporadas sob a forma de *habitus*, ou seja, sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreciação que determinam quais comportamentos e posturas são adequados a homens e mulheres. Estas estruturas correspondem às próprias categorias de pensamento que os indivíduos utilizam para entender o mundo.

Se a preeminência do masculino sobre o feminino é resultado de uma violência simbólica, é porque ela é consequência de um poder que se impõe e que se reproduz simbolicamente, que muitas vezes não necessita de uma coerção física para ser reconhecido. Em seu livro, Bourdieu destaca justamente esta opressão simbólica da dominação, deixando de lado a análise da opressão material contra as mulheres, ainda que admita sua existência (DEVREUX, 2005).



Se a dominação masculina parece estar na “ordem das coisas”, é porque a ordem social, apoiada nesta dominação, ratifica-a simbolicamente, eternizando um processo que é na realidade uma permanente (re)construção histórica. Tal processo “arranca” a dominação masculina da História, fazendo com que ela pareça inevitável e imutável; é resultado de um incessante trabalho coletivo de reprodução que institui um arbitrário cultural como “a” percepção do mundo, como fundamento natural da ordem social. Este trabalho coletivo de reprodução é realizado por agentes e por instituições tais como a família, a Igreja, o Estado, a escola, a medicina, os meios de comunicação, entre outros. O autor discute mais detalhadamente a ação das quatro primeiras, explicando de que maneiras estas instâncias contribuem objetivamente para a permanência da dominação. A família seria a protagonista da divisão sexual do trabalho, onde as mulheres estariam confinadas aos afazeres domésticos e à maternidade, a um trabalho de “reprodução”. A Igreja pregaria um antifeminismo, disseminando valores patriarcais e o dogma da inferioridade “natural” das mulheres. O Estado colocaria a família patriarcal como o princípio da ordem social e moral, reforçando em suas leis a visão androcêntrica. Já a escola continuaria a transmitir estruturas hierárquicas “sexualizadas”, reforçando os destinos sociais de meninos e meninas ao influenciarem a maneira como estes veem a si próprios e a maneira como entendem suas aptidões e inclinações intelectuais.²

Se as diferenças biológicas parecem ser as bases da dominação, é porque estas diferenças são socialmente construídas como justificativas “naturais”, são percebidas de forma naturalizada - ou seja, a força da dominação masculina provém do fato de ela legitimar uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, na verdade, uma construção social naturalizada. Fazendo referência a outros autores (como Thomas Laqueur³), Bourdieu explica de que maneira diferenças anatômicas entre homens e mulheres passaram, em um determinado período histórico, a ser encaradas como fundamentos da ordem social: é a partir do Renascimento que os corpos sexuados são vistos como justificativa para as posições sociais impostas a homens e mulheres

² De acordo com o autor, as mulheres seriam desencorajadas (e também desencorajariam a si mesmas) a tentar carreiras acadêmicas e profissionais tradicionalmente “masculinas” e mesmo a lutar por um posto de trabalho mais alto, de comando, sendo estimuladas a abraçar os papéis de mãe e esposa e/ou procurar carreiras que remetem a estes papéis de “reprodução” e de “cuidado” (como empregada doméstica, enfermeira ou professora primária, por exemplo).

³ Para mais informações sobre o assunto, ver LAQUEUR, Thomas. (2001), *Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.



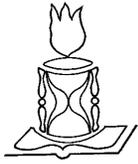
Se a dominação é reproduzida pelos indivíduos, é porque as próprias categorias de pensamento utilizadas para pensar a dominação são produto dela: as mulheres acabam por incorporar o *habitus* dominado, o preconceito desfavorável contra o feminino, reconhecendo a dominação como poder e contribuindo para sua reprodução. Até mesmo interpretações antagônicas, que fornecem uma resistência à opressão simbólica⁴, também são estruturadas pelos esquemas dominantes, pois o mesmo pensamento que leva as mulheres a se enxergarem de forma negativa pode também ser usado para caracterizar os homens: segundo Bourdieu, as mulheres cabilas podem se referir a seus órgãos sexuais como “pedras bem soldadas”, em oposição aos órgãos sexuais masculinos, vistos como “equipamentos que despencam”, “moles e sem vigor”.

Os *habitus* masculinos e femininos são resultados de um profundo trabalho de inculcação e incorporação, de transformação duradoura dos corpos e das mentes, de inscrição de disposições permanentes nos indivíduos, não podendo ser transformados por uma simples “tomada de consciência”: o reconhecimento da dominação não se dá, portanto, pela vontade particular dos indivíduos, mas sim pela força simbólica das estruturas da dominação.

Bourdieu, em diversas passagens de seu livro, se atenta especialmente à questão da transformação dos corpos. Segundo ele, um “homem viril” e uma “mulher feminina” são artefatos sociais produzidos à custa de um complexo processo de construção simbólica diacrítica que opera por meio de diferentes formas legitimadas de se servir do corpo. Na sociedade Cabila, as partes “altas” do corpo, como os olhos e a face são associadas ao masculino e ao público. Olhar no rosto, olhar nos olhos, encarar frente a frente, tomar a palavra publicamente são atos monopolizados pelos homens cabila. Partes “baixas” do corpo, como a cintura, os órgãos reprodutores e as costas são associadas ao feminino e ao privado. Fechar as pernas, cruzar os braços sobre o peito, olhar para baixo e evitar usar seu rosto e sua palavra publicamente são posturas socialmente desejáveis para as mulheres cabila. O próprio ato sexual também é pensado de forma androcêntrica, já que o masculino é identificado como o “ativo” e o feminino como o “passivo”.

Culturas ocidentais contemporâneas de certa forma reproduzem esta lógica ao incentivarem os homens a se destacarem mais em espaços públicos e ao estimularem

⁴ O autor denomina tal resistência de “luta cognitiva”: o sentido das coisas do mundo é sempre disputado, a indeterminação parcial de algumas destas coisas abre a possibilidade de contestação.



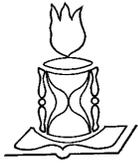
manifestações mais contidas nas mulheres, como sorrir, baixar os olhos e aceitar interrupções – ao compará-las com a sociedade cabila, Bourdieu afirma que a construção da feminilidade se dá pela “arte de se fazer pequena”.

O autor argumenta que as mulheres ocidentais são submetidas a um verdadeiro confinamento simbólico que limita os usos que elas poderiam fazer de seus corpos: roupas e outros acessórios de moda, como saias curtas, bolsas e saltos altos, desencorajam certos movimentos e atividades físicas consideradas “não-delicadas”, como sentar de pernas abertas, usar os braços e mãos mais livremente e correr. Aqui também o ato sexual é enxergado sob uma ótica de dominação, pois muitas vezes é associado ao ato de “possuir” e à lógica da conquista.

Bourdieu nos mostra que se a “feminilidade” requer uma combinação de contenção e sedução, se parece uma forma de aquiescência em relação a expectativas masculinas, a “virilidade” também submete os homens a um intenso trabalho de socialização que estabelece um ideal de comportamento muitas vezes inatingível. Os homens são incentivados a investirem em jogos de violência e de poder, pois a “virilidade” precisa ser reconhecida e validada publicamente, precisa fornecer demonstrações de honra, de força e de capacidade sexual, reprodutiva e social. Assim, a dominação masculina não diz respeito apenas à determinação de comportamentos e posicionamentos que são esperados das mulheres, mas também dos que são esperados dos homens.

Os ideais “virilidade” e “feminilidade” são construídos um em relação ao outro, um em oposição ao outro, de modo a marcar inúmeras dualidades, tais como público/privado, ativo/passivo, alto/baixo. Outros pares de oposição, como sujeito/objeto e produção/reprodução também são evocados ao longo do livro, sendo também relacionados ao binômio masculino/feminino. Tais relações, em vez de provocarem reflexão e problematização, podem ratificar/fixar certos estereótipos ligados a homens e mulheres, como muitas críticas feministas já apontaram anteriormente (CORREA, 1999).

Bourdieu fala destes pares de oposição para demonstrar a universalidade da dominação masculina, que parece se exercer sob os mesmos princípios tanto na sociedade cabila quanto nas sociedades ocidentais contemporâneas. Mas o que acontece é que em diversas passagens de seu texto é difícil estabelecer se ele se refere à lógica cabila ou à lógica ocidental: algumas de suas afirmações soam bastante generalistas. Além disso, o autor atribui um sexo à dominação, colocando o



sexo dominante como determinante, considerando os indivíduos de sua análise apenas como “homens” e “mulheres” pretensamente universais, ignorando assim outras distinções sociais relevantes para os contextos que analisa (CORREA, 1999).

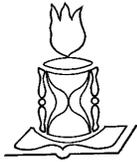
A questão da internalização do *habitus* dominado, da “aceitação” que as mulheres teriam para com os dominantes, os homens, é criticada por algumas análises feministas, pois as mulheres seriam retratadas como responsáveis pela dominação (SCAVONE, 2008). Bourdieu explica que esta tendência em culpar as mulheres⁵ é na verdade um efeito das estruturas objetivas da dominação, ressaltando que a submissão não é resultado das escolhas de um sujeito livre e consciente. O autor argumenta que, ao contrário de algumas feministas que preferem deixar de lado a análise da submissão, devido ao receio de que o registro científico ratifique a dominação,

[...] é preciso assumir o risco de parecer justificar a ordem estabelecida, trazendo à luz as propriedades pelas quais os dominados (mulheres, operários, etc), tais como a dominação os fez, podem contribuir para sua própria dominação. (BOURDIEU, 2010, p.136)

Ainda que Bourdieu argumente que a dominação masculina é um processo histórico e que é necessária uma investigação que desnude este processo, o autor coloca que a dominação tem uma origem remota, uma vez que surgiu em um estágio “antigo” e “arcaico” de nossas sociedades e que por isso permanece no inconsciente histórico de todos os indivíduos, homens e mulheres. Ao mesmo tempo em que propõe a investigação das estruturas históricas reprodutoras da dominação, Bourdieu complica a realização deste projeto ao supor que a dominação tem origem “vaga”, em algum momento obscuro da História. Mais do que isso,

Ao empurrar a dominação masculina para um ponto remoto de nossa história - e para um “estado arcaico” - fazendo-a enraizar-se num difuso inconsciente cultural que é o nosso, ainda que não o seja mais, Bourdieu se coloca também numa perspectiva exterior a ela, isto é, na de um analista isento da lógica que analisa, não contaminado nem pela “visão masculina”, que denuncia, nem pelo “inconsciente

⁵ Como o autor ressalta, o pensamento de que as mulheres, são, elas mesmas “suas piores inimigas”, é comum e procura atribuir às mulheres a responsabilidade por sua própria opressão. Atualmente ainda nos deparamos com os argumentos semelhantes, como os de que as mulheres realizam procedimentos estéticos dolorosos e dispendiosos por vontade própria (como se não houvesse uma pressão social para se adequar a um determinado ideal de beleza) e os de que as mulheres vítimas de estupro às vezes “provocam” os agressores com roupas e comportamentos “insinuantes” (como se as mulheres fossem as próprias causadoras da violência sexual).



masculino” que é, não obstante, o nosso inconsciente cultural.
(CORREA, 1999, p.45)

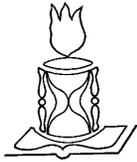
Uma das críticas mais importantes ao trabalho do autor se refere ao fato de Bourdieu ter ignorado grande parte da produção do campo de estudos feministas. Ainda que o autor inclua em seu livro algumas referências a teóricas feministas, como a filósofa Judith Butler⁶, ele parece ter construído sua argumentação dialogando muito pouco com os avanços destas teorias. A categoria gênero, por exemplo, muito importante dentro dos estudos feministas, não é problematizada pelo autor, que cita o termo em alguns momentos do livro, por vezes colocando-o entre aspas, sem nos fornecer mais explicações. Bourdieu prefere usar a categoria sexo em sua teoria da dominação, deixando de lado todo o desenvolvimento teórico que discutiu a noção de “sexo” frente ao conceito de “gênero”.

Bourdieu dialoga especialmente com suas próprias teorias sociológicas, reforçando seu lugar de intelectual “dominante”, ao se colocar em um campo de estudos já bem estabelecido, não problematizando devidamente sua própria entrada neste campo. Se de um lado ele acusa as feministas de quererem monopolizar um campo científico sob o pretexto da “experiência”, como se as elas reivindicassem para si este campo de estudos apenas porque experimentam diretamente a opressão machista, de outro ele diz entender a suspeita prejudicial que paira sobre os pesquisadores homens, argumentando que esta suspeita não é completamente infundada:

[...] o analista [...] ao lidar com uma instituição que está há milênios inscrita na objetividade das estruturas cognitivas, e não tendo, portanto, para pensar a oposição entre o masculino e o feminino mais que um espírito estruturado segundo esta oposição, ele se expõe a usar, como instrumentos de conhecimento, esquemas de percepção e de pensamento que ele deveria tratar como objetos de conhecimento. (BOURDIEU, 2010, p.137)

É curioso notar que o autor se coloca como alguém que não seria alvo desta suspeita, justificando porque se interessa por este campo de estudos, que, em suas palavras, é completamente monopolizado por mulheres: Bourdieu argumenta que sua relação de exterioridade e de simpatia com relação ao campo o permitiria produzir, com o auxílio dos trabalhos estimulados pelos movimentos feministas e de suas

⁶ Para mais informações sobre o assunto, ver BUTLER, Judith. (2003), *Problemas de gênero*.



próprias teorias sociológicas, tanto uma pesquisa sobre as relações entre homens e mulheres como uma ação destinada a transformá-las. Ele parece querer colocar algumas diretrizes para a formulação de um caminho para o movimento feminista, desqualificando, de certa maneira, a trajetória política deste movimento ao argumentar que o feminismo se deteve muito em lutas políticas “femininas”, ignorando reivindicações políticas mais amplas. As críticas feministas, em resumo, procuram mostrar que Bourdieu não reconheceu devidamente o papel da teoria feminista e de seu respectivo movimento social:

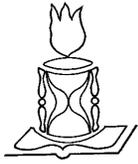
De fato, o campo de estudos feministas só merece esses dois tipos de menção de Pierre Bourdieu: ou as feministas não sabem o que fazem - e este livro foi escrito para mostrar-lhes o caminho da verdade, ou estão tão contaminadas pela lógica da dominação masculina que suas análises são simples réplicas do mesmo esquema classificatório de sempre.

Parece irônico que o teórico da noção de campo seja tão insensível à sua própria entrada intempestiva num campo (o dos estudos feministas) do qual ele tem escasso conhecimento e cuja existência desqualifica ao longo de toda sua escrita desses textos: talvez isso explique também a nota envergonhada de agradecimento do livro que é, até agora, o texto final sobre o assunto, na qual se abstém de mencionar as feministas que colaboraram para matizar suas ideias iniciais, dizendo não saber se isso seria bom ou mau para elas.(CORREA, 1999, p.47).

Entretanto, ainda que Bourdieu seja bastante criticado pelo campo de estudos feministas, alguns de seus conceitos sociológicos são muito importantes para as análises das relações de gênero das sociedades ocidentais contemporâneas:

Em contrapartida, os conceitos da sociologia de Bourdieu foram e são utilizados, frequentemente, em estudos e pesquisas acadêmicas e militantes de cunho feminista, particularmente, os relacionados à dominação, poder e violência simbólica, a trabalho e a condições de sua reprodução, e a própria noção de *habitus*, de campo, entre outros, para o entendimento da permanência da dominação masculina. (SCAVONE, 2008, p.182)

A obra *A Dominação Masculina* traz algumas conclusões que merecem ser pensadas e discutidas. Bourdieu destaca que as mudanças ocorridas nas condições de vida das mulheres foram muito importantes, porém aconteceram dentro da permanência da dominação masculina, já que ainda existe uma distância estrutural homens e mulheres, com os homens continuando a ocupar posições sociais mais privilegiadas. O autor também aponta que, para entender a permanência da



dominação, de suas estruturas “invisíveis”, é preciso por em relação a economia doméstica, com sua divisão de trabalho e de poderes, e os diferentes campos de trabalho onde se situam homens e mulheres. A economia doméstica se mantém estruturada em uma divisão sexual do trabalho em que as atividades que envolvem “cuidados” e “reprodução” (tanto biológica quanto social) são tradicionalmente associadas ao feminino, *ainda que e apesar de* as mulheres também participarem de atividades de caráter público e “produtivo”, vistas como masculinas.

Os diferentes campos de trabalho, o que inclui carreiras acadêmicas e profissionais, posições e funções dentro de uma empresa ou instituição, também são estruturados segundo uma divisão dos sexos, uma vez que postos de trabalho que envolvem hierarquia, comando e poder são associados ao masculino. Assim, mesmo com mudanças visíveis nas condições de vida de muitas mulheres, há uma permanência nas posições relativas, pois algumas desigualdades entre homens e mulheres referentes ao espaço doméstico e ao mercado de trabalho são reproduzidas *na e pela* mudança.

Referências:

BOURDIEU, Pierre (2010). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BUTLER, Judith. (2003), *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

CORRÊA, Mariza. (1999). .Bourdieu e o sexo da dominação. *Revista Novos Estudos*, CEBRAP, n. 54, jul., p. 43-53.

DEVREUX, Anne-Marie. (2005). A teoria das relações sociais de sexo: um quadro de análise sobre a dominação masculina. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 20, n. 3, set./dez, p. 561-584.

LAQUEUR, Thomas. (2001), *Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.

SCAVONE, (2008). Lucila. Estudos de gênero: uma sociologia feminista?. *Estudos Feministas*, vol.16, n.1, p.173-186.

WACQUANT, L. (2007). Esclarecer o habitus. *Educação & Linguagem*. São Bernardo do Campo, SP, ano 10, n.16, jul./dez, p.63-71.